

VOCÊ NÃO VAI QUERER IR EMBORA.

ATÉ NÃO TER MAIS COMO SAIR.

O

SANATÓRIO

SARAH PEARSE



o SANATÓRIO

Copyright © Sarah Pearse Ltd 2020

TÍTULO ORIGINAL

The Sanatorium

COPIDESQUE

Manoela Alves

REVISÃO

Alessandra Volkert, Ana Cristina Gonçalves, Letícia Féres,
Letícia Taets Lira, Rayana Faria e Thais Entriel

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Larissa Fernandez e Letícia Fernandez

DESIGN DE CAPA

R. Shailer/ TW

FOTOS DE CAPA

©Alamy

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P374s

Pearse, Sarah

O sanatório / Sarah Pearse ; tradução Marcelo Schild Arlin. - 1. ed. - Rio
de Janeiro : Intrínseca, 2022.
480 p. ; 23 cm.

Tradução de: The sanatorium
ISBN 978-65-5560-552-5

1. Ficção inglesa. I. Arlin, Marcelo Schild. II. Título.

21-74639

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

23/11/2021 24/11/2021

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

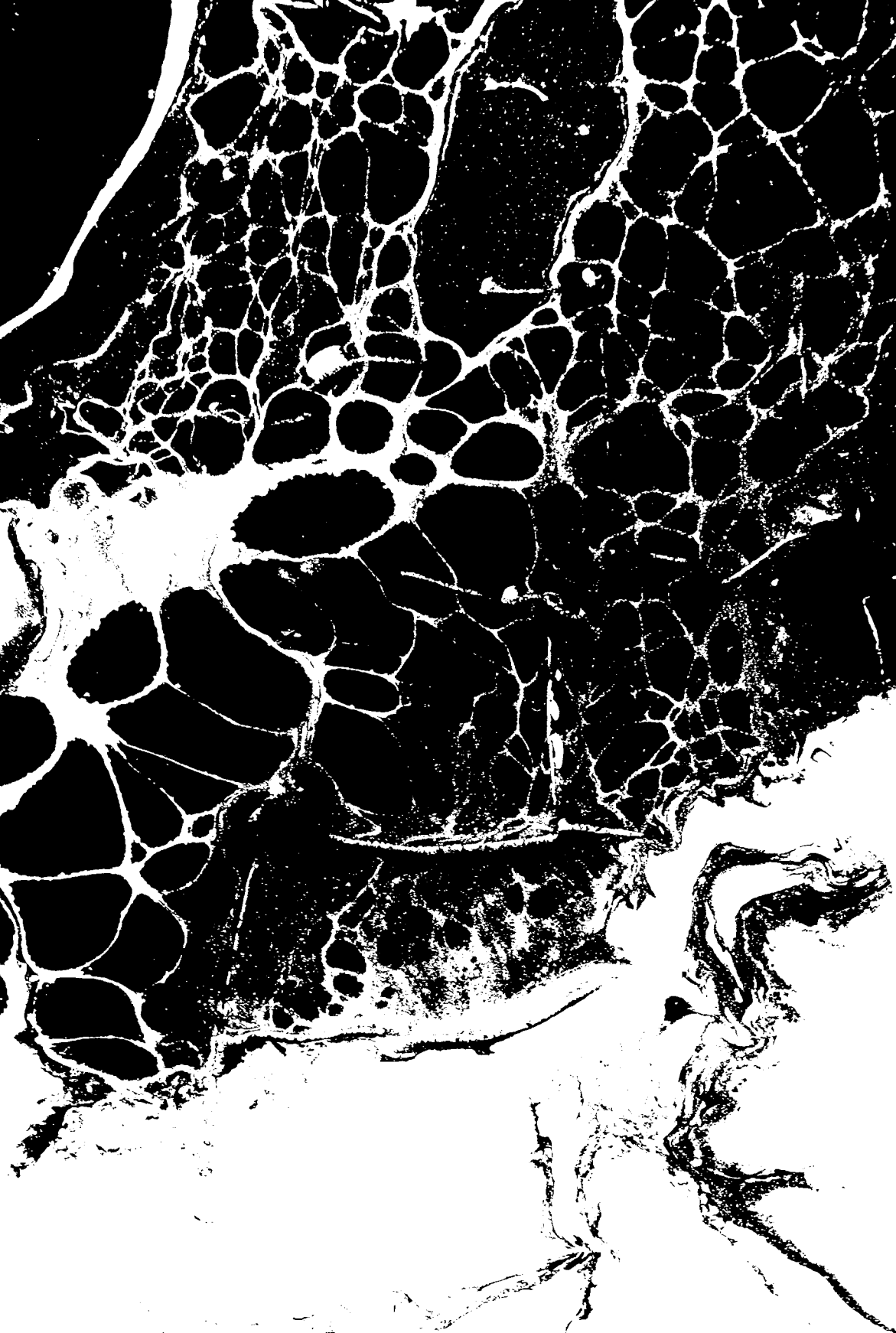
Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br









PRÓLOGO

Janeiro de 2015

Equipamentos médicos descartados estão espalhados pelo chão: instrumentos cirúrgicos enferrujados, garrafas quebradas, potes, o encosto arranhado de uma cadeira velha inutilizada. Um colchão rasgado está curvado contra a parede, manchas amarelas feito bile marcando a superfície.

Segurando firme sua maleta, Daniel Lemaitre sente uma forte onda de repulsa: é como se o tempo tivesse dominado a alma do prédio, deixando algo podre e doente em seu lugar.

Ele avança rapidamente pelo corredor, os passos ecoando no chão de azulejos.

Fique de olho na porta. Não olhe para trás.

Mas os objetos em decomposição atraem seu olhar, cada um contando histórias. Não é difícil imaginar as pessoas que haviam ficado ali, tossindo ferozmente.

Às vezes, ele acha que pode até sentir o cheiro de como este lugar costumava ser, o odor forte e acre de produtos químicos ainda pairando nas velhas alas de operações.

Daniel para quando chega na metade do corredor.

Um movimento na sala oposta: um borrão escuro, distorcido. Sente um frio na barriga. Imóvel, ele olha tudo o que há na sala, objetos cobertos pelas sombras: um monte de papéis espalhados pelo chão, os tubos retorcidos de um equipamento de respiração, uma cama quebrada, amarras puídas dependuradas.

Sente a pele formigar de tensão, mas nada acontece. O prédio está quieto, silencioso.

Ele solta a respiração e volta a andar.

Não seja burro, diz a si mesmo. Você está cansado. Muitas noites acordado até tarde, muitas manhãs acordando cedo.

Chegando à porta da frente, Daniel a abre. O vento uiva furiosamente, empurrando-a para trás até forçar as dobradiças. À medida que avança, ele é cegado por uma rajada gelada de flocos de neve, mas é um alívio estar do lado de fora.

O sanatório o deixa inquieto. Embora Daniel saiba o que aquela construção se tornará — ele projetou cada porta, cada janela e interruptor do novo hotel —, neste momento não consegue evitar reagir ao passado, ao que ela costumava ser.

O exterior não é muito melhor, ele pensa, olhando para cima. A desoladora estrutura retangular está salpicada de neve. Está se degradando, abandonada: as sacadas e balaustradas, a longa varanda, despedaçadas e apodrecendo. Algumas janelas continuam intactas, mas a maioria está fechada com tábuas, feios quadrados de compensado cravejando a fachada.

Daniel pensa no contraste com sua própria casa em Vevey, com vista para o lago. O design contemporâneo de formas retangulares é construído principalmente de vidro, para proporcionar vistas panorâmicas da água. Tem um terraço na cobertura, um pequeno atracadouro.

Ele projetou tudo.

Com essa imagem vem Jo, sua esposa. Ela terá acabado de chegar do trabalho, a mente ainda às voltas com os orçamentos de

propaganda e os relatórios, já encurralando os filhos para que façam o dever de casa.

Ele a imagina na cozinha, preparando o jantar, seu cabelo acaju caindo sobre o rosto enquanto ela corta e fatia com eficiência. Será algo fácil: massa, peixe, salteados. Nenhum dos dois é bom em tarefas domésticas.

O pensamento o anima, mas apenas por um momento. À medida que atravessa o estacionamento, Daniel sente os primeiros lampejos de receio em relação a dirigir para casa.

Não era fácil chegar àquele sanatório isolado e elevado em meio às montanhas, mesmo se fizesse um tempo ótimo. Aquela localização fora uma escolha deliberada, com a intenção de manter os pacientes tuberculosos afastados da poluição das vilas e das cidades e deixar o restante da população longe deles.

Mas a localização remota significava que a estrada que levava até lá era um pesadelo, uma série de curvas muito fechadas entrecortando uma densa floresta de pinheiros. Na subida, naquela manhã, a própria estrada mal era visível. Flocos de neve se arremessavam contra o vidro do carro como dardos brancos de gelo, tornando impossível enxergar mais do que alguns metros à frente.

Daniel está quase no carro quando bate o pé em algo, os restos esfarrapados de um cartaz, um pouco cobertos de neve. As letras são toscas, pintadas em vermelho de qualquer jeito.

NON AUX TRAVAUX!! NÃO ÀS OBRAS!!

Com cada vez mais raiva, Daniel pisoteia o cartaz. Os manifestantes estiveram ali na semana anterior. Mais de cinquenta deles, gritando palavrões, balançando seus cartazes chamativos na sua cara. O protesto fora filmado com celulares e compartilhado nas redes sociais.

Aquela foi somente uma das intermináveis batalhas que eles precisaram enfrentar para dar vida ao projeto. As pessoas diziam

que queriam progresso, o dinheiro dos turistas que viria em seguida, mas quando se tratava de efetivamente construir, elas protestavam.

Daniel sabia por quê. As pessoas não gostam de um vencedor.

Fora o que seu pai lhe dissera certa vez, e era verdade. Os moradores locais tinham ficado orgulhosos no começo. Tinham aprovado os pequenos sucessos dele — o shopping center em Sion, o edifício residencial em Sierre com vista para o Ródano —, mas, então, ele tinha ido longe *demais*, não tinha? Um sucesso muito grande, uma personalidade.

Daniel ficou com a sensação de que, aos olhos daquelas pessoas, ele já tinha recebido sua fatia do bolo e agora estava sendo ganancioso por pegar mais. Apenas 33 anos, e sua firma de arquitetura já estava prosperando, com escritórios em Sion, Lausanne, Genebra. Um planejado para Zurique.

Era a mesma coisa com Lucas, o desenvolvedor imobiliário e um de seus amigos mais antigos. Com pouco mais de trinta anos, já era dono de três hotéis reconhecidos.

As pessoas se ressentiam do sucesso deles.

E este projeto fora a pá de cal. Teve de tudo: *haters* na internet, e-mails, cartas para a firma. Objeções ao planejamento.

Atacaram Daniel primeiro. Boatos começaram a circular em blogs locais e em redes sociais, dizendo que o negócio enfrentava dificuldades. Depois, passaram a atacar Lucas. Histórias parecidas, histórias que ele poderia simplesmente desconsiderar, mas uma em particular perdurou.

Ela o incomodava, mais do que ele admitia.

Envolvia subornos. Corrupção.

Daniel havia tentado falar com Lucas sobre isso, mas o amigo não quis saber de conversa. Pensar nessa história lhe causa um incômodo, uma coceira, como tantas outras coisas neste projeto, mas ele afasta o pensamento à força. Precisa ignorá-lo: foco no resultado.

Este hotel vai consolidar sua reputação. A motivação e a obsessão por detalhes que Lucas cultivava incentivaram Daniel a desenvolver um projeto espetacularmente ambicioso, um objetivo que ele não imaginara ser possível.

Ele chega ao carro. O para-brisa está coberto por uma camada espessa de neve fresca, além do que os limpadores de para-brisa podem lidar. Vai precisar raspá-la.

Mas quando coloca a mão no bolso para pegar a chave, repara em algo.

Uma pulseira, caída ao lado do pneu dianteiro.

Ele agacha e a pega. É fina, de cobre. Daniel a gira entre os dedos e nota uma série de números gravados na parte de dentro... Uma data?

Ele franze o cenho. Deve ser de alguém que esteve ali hoje, certo? Do contrário, já estaria coberta de neve.

Mas o que estavam fazendo tão perto do seu carro?

Imagens dos manifestantes passam por sua mente, rostos furiosos, debochados.

Seriam eles?

Daniel se força a inspirar lenta e profundamente, mas, ao guardar a pulseira no bolso, vislumbra algo: um movimento atrás do monte de neve que se acumulou rente à parede do estacionamento.

Um perfil indistinto.

A mão dele está suada em torno do chaveiro. Pressionando o controle com urgência para abrir o porta-malas, ele congela ao levantar os olhos.

Uma figura, de pé na sua frente, posicionada entre ele e o carro.

Daniel a encara, paralisado por um instante, seu cérebro a mil, tentando processar o que está vendo. Como alguém poderia ter se movimentado com tanta rapidez em sua direção sem que ele percebesse?

A figura está vestida de preto. Algo cobre seu rosto.

Parece uma máscara de gás; o mesmo formato, mas sem o filtro na frente. No lugar dele, há um espesso tubo de plástico indo do nariz à boca. Um conector. O tubo é estriado, preto. Daniel estremece enquanto a figura balança de um pé para o outro.

O efeito é horripilante. Monstruoso. Algo retirado das profundezas mais escuras do inconsciente.

Pense, diz a si mesmo, pense. Sua mente começa a se revolver procurando possibilidades, maneiras de tornar aquela coisa inofensiva. É uma pegadinha, é isso. Um dos manifestantes tentando assustá-lo.

Então, a figura dá um passo em sua direção. Um movimento preciso, controlado.

Tudo o que Daniel vê é aquela máscara emborrachada preta se ampliar diante dele de uma forma pavorosa. As linhas estriadas do tubo. Então ele ouve a respiração: um estranho som molhado de sucção vindo da máscara. Expirações úmidas.

O coração dele está martelando no peito.

— O que é isso? — pergunta Daniel, ouvindo o medo na própria voz. Um abalo que ele tenta conter. — Quem é você? O que está tentando fazer?

Uma gota escorre por seu rosto. Neve derretendo contra o calor da sua pele ou suor? Ele não sabe dizer.

Vamos lá, ele diz a si mesmo. Controle-se. É algum babaca idiota de brincadeira. Apenas passe por ele e entre no carro.

É então que, daquele ângulo, ele repara em outro carro. Um carro que não estava lá quando ele chegou. Uma picape preta. Uma Nissan.

Vamos, Daniel. Anda.

Mas seu corpo está congelado, recusando-se a obedecer. Tudo o que ele consegue fazer é ouvir o estranho som da respiração vindo da máscara. Está mais alto agora, mais acelerado.

Um suave som de sucção seguido por um assovio agudo.

Repetindo sem parar.

A figura se aproxima cambaleando, com algo na mão. Uma faca? Daniel não consegue distinguir. As luvas espessas que ela está usando escondem boa parte do objeto.

Vamos, anda.

Ele consegue se impulsionar para a frente, um passo, depois dois, mas o medo faz seus músculos travarem. Ele tropeça na neve, o pé direito derrapa.

Quando se endireita, é tarde demais: as mãos enluvadas cobrem sua boca. Daniel cheira o mofo rançoso da luva, mas também a máscara — o curioso odor de plástico queimado da borracha misturado com alguma outra coisa.

Algo familiar. Mas antes que seu cérebro consiga fazer a associação, algo perfura sua coxa. Uma dor aguda. Seus pensamentos se dissipam, então sua mente silencia.

Um silêncio que, em segundos, mergulha no nada.

**Comunicado à imprensa — Embargado até meia-noite
de 5 de março de 2018**

Le Sommet
Hauts de Plumachit
Crans-Montana 3963
Valais
Suíça

**HOTEL 5 ESTRELAS PRONTO PARA ABRIR NA ESTÂNCIA
SUÍÇA DE CRANS-MONTANA**

Localizado em um ensolarado platô acima de Crans-Montana, no alto dos Alpes Suíços, o Le Sommet é uma criação do desenvolvedor imobiliário suíço Lucas Caron.

Após oito anos de extenso planejamento e construção, um dos sanatórios mais antigos da cidade está pronto para reabrir como um hotel de luxo.

O prédio principal foi projetado no final do século XIX pelo bisavô de Caron, Pierre. O hospital se tornou mundialmente reconhecido como centro para o tratamento de tuberculose antes que o advento dos antibióticos o obrigasse a se diversificar.

Recentemente, obteve reconhecimento internacional por sua arquitetura inovadora, o que rendeu a Pierre um prêmio póstumo das Artes Suíças em 1942. Por combinar traços minimalistas com grandes janelas panorâmicas, telhados planos e formas geométricas sem adornos, um juiz descreveu o prédio como “inovador, projetado para cumprir sua função de hospital e, ao mesmo tempo, criar uma transição ininterrupta entre a paisagem interior e a exterior”.

Segundo Lucas Caron, “estava na hora de darmos um novo sopro de vida a este prédio. Tínhamos certeza de que, com a visão certa, conseguiríamos restaurar a construção e criar um hotel que homenageasse seu rico passado”.

Sob orientação da firma suíça de arquitetura Lemaitre SA, uma equipe foi reunida para restaurar o prédio, acrescentando um spa e um espaço de última geração para eventos.

Sutilmente reformado, o Le Sommet usará materiais locais naturais, como madeira, ardósia e pedra, de forma inovadora. O interior elegante do hotel não apenas refletirá a poderosa topografia exterior, mas também se baseará no passado do prédio para criar uma nova narrativa.

Na opinião de Philippe Volkem, CEO da Valais Turismo, “sem dúvida, esta será a joia da Coroa do que já é uma das melhores estâncias de inverno do mundo”.

Para perguntas da imprensa, entre em contato com RP Leman, Lausanne.

Para perguntas em geral e reservas, acesse <www.lesommet-cransmontana.ch>.



1

Janeiro de 2020

Primeiro dia

A linha de bonde da cidade de Sierre, no vale, para Crans-Montana sobe uma linha quase vertical pela encosta da montanha.

Atravessando vinhedos cobertos de neve e as pequenas cidades de Venthône, Chermignon, Mollens, Randogne e Bluche, a rota, de mais de quatro quilômetros, leva os passageiros novecentos metros montanha acima em apenas doze minutos.

Fora da alta estação, o bonde costuma funcionar com apenas metade da capacidade de lotação. A maioria das pessoas sobe as montanhas de carro ou pega o ônibus. Mas hoje, com as estradas praticamente paradas por causa dos engarrafamentos, ele está cheio.

Elin Warner está de pé no lado esquerdo do vagão, observando tudo atentamente: os pesados flocos de neve se acumulando nas janelas, pilhas altas de malas no chão coberto de gelo semiderretido, os adolescentes magrelos forçando passagem pelas portas.

Seus ombros se retesam. Ela se esqueceu de como garotos daquela idade podem ser: egoístas, indiferentes a todos e focados em si mesmos.

Uma manga encharcada roça em seu rosto. Ela sente o cheiro de umidade, de cigarros, de fritura, o penetrante odor almiscarado e cítrico de pós-barba barato. Depois, uma tosse pigarrenta. Gargalhadas.

Um grupo de homens está empurrando para atravessar a porta, falando alto, malas The North Face abarrotadas nas costas. Eles estão espremendo a família ao seu lado ainda mais para dentro do vagão. Para ela. Um braço roça no seu, bafo quente de cerveja contra seu pescoço.

Ela é assaltada pelo pânico. Seu coração está acelerado, martelando no peito.

Será que isso nunca vai parar?

Um ano se passou desde o caso Hayler, e ela ainda pensa sobre ele, sonha com ele. Acorda à noite entre lençóis úmidos de suor, o sonho vívido em sua mente: a mão em torno da sua garganta, paredes úmidas contraindo-se, aproximando-se dela.

Depois, água salgada; espumando, borrifando sobre sua boca, seu nariz...

Controle isso, ela diz a si mesma, forçando-se a ler as pichações na parede do bonde.

Não deixe isso te controlar.

Seus olhos dançam sobre as palavras rabiscadas ondulando sobre o metal:

MICHEL 2010

BISOUS XXX

INES & RIC 2016

Erguendo o olhar ao acompanhar as palavras até a janela, ela leva um susto. Seu reflexo... dói olhar para ele. Ela está magra. Magra demais.

É como se alguém a tivesse esvaziado, removido seu âmago. Os ossos da face estão pontudos como facas, e seus olhos azul-esverdeados oblíquos, mais arregalados, mais pronunciados. A bagunça desfiada do cabelo louro-claro e a mancha da cicatriz no lábio superior não ajudam a suavizar sua aparência.

Ela tem treinado sem interrupções desde a morte da mãe. Corridas de dez quilômetros. Pilates. Musculação. Pedalando pela costa entre Torquay e Exeter sob o vento forte e a chuva.

É demais, mas ela não sabe como parar, mesmo se pudesse. Isso é tudo que ela tem, a única maneira de expulsar o que está em sua mente.

Elin se vira. O suor escorre pela sua nuca. Olhando para Will, ela tenta se concentrar no rosto dele, na familiar barba por fazer brotando do seu queixo, nos indomáveis tufos de cabelo louro-escuro.

— Will, estou com calor...

Ele faz uma careta. Ela vê o esboço de futuras rugas naquele rosto ansioso, as linhas em torno dos olhos, leves dobras percorrendo sua testa.

— Você está bem?

Elin faz que não com a cabeça, lágrimas surgindo em seus olhos.

— Não me sinto bem.

Will baixa a voz.

— Sobre isso ou...

Ela sabe o que ele está tentando dizer: *Isaac*. São as duas coisas: ele, o pânico... estão entrelaçados, conectados.

— Não sei — responde ela, sentindo um nó na garganta. — Continuo remoendo isso, você sabe, o convite vindo do nada. Talvez vir tenha sido a decisão errada. Eu deveria ter pensado mais sobre isso, ou pelo menos falado com ele direito antes que o deixássemos fazer a reserva.

— Não é tarde demais. Sempre podemos voltar. Diga que estou com problemas no trabalho. — Sorrindo, Will empurra com o in-

dicador os óculos mais para cima no nariz. — Vão ser as férias mais curtas que alguém já viu, mas quem se importa?

Elin se força a retribuir o sorriso dele, sentindo uma silenciosa pontada de devastação ao pensar no contraste entre antes e agora. Como ele aceitou isso com tanta facilidade: o novo normal.

É o oposto de quando eles se conheceram. Na época, ela estava chegando ao seu auge. É como vê aquele momento agora: estava chegando no ápice de sua vida de vinte e poucos anos.

Tinha acabado de comprar seu primeiro apartamento perto da praia, o último andar de uma casa de veraneio vitoriana. Pequeno, mas com pé-direito alto, vista para um pequeno quadrado de mar.

O trabalho ia bem, ela tinha sido promovida a sargento-detetive, recebera um caso importante, e sua mãe estava reagindo bem à primeira rodada de quimioterapia. Ela achava que estava superando seu luto por Sam, lidando bem com ele, mas agora...

Sua vida se contraiu. Fechou-se para se tornar algo que teria sido irreconhecível para ela alguns anos antes.

Com um tranco, o bonde se arrasta para cima, afastando-se da estação numa velocidade cada vez maior.

Elin fecha os olhos, mas isso só piora as coisas. Cada som, cada vibração, são amplificados sob suas pálpebras.

Ela abre os olhos para ver a paisagem passando rapidamente: manchas borradas de vinhedos cobertos de neve, de chalés, de lojas.

Sua cabeça começa a girar.

— Quero sair.

— O quê? — diz Will, virando-se. Ele tenta disfarçar, mas ela consegue ouvir a frustração na voz dele.

— Preciso sair.

O bonde entra em um túnel, mergulhando-os na escuridão. Uma mulher grita.

Elin inspira devagar, cuidadosamente, mas a sensação de morte iminente começa a surgir. De repente, seu sangue parece um fluido pegajoso circulando dentro dela, mas, ao mesmo tempo, é como se ele estivesse disparando por todas as partes.

Mais respirações. Mais devagar, como ela ensinou a si mesma. *Conte até quatro ao inspirar, prenda, e conte até sete ao expirar.*

Isso não adianta. Ela sente um nó na garganta. Sua respiração está curta, acelerada. Seus pulmões tentam com todas as forças absorver oxigênio, desesperadamente.

— Seu inalador, onde está? — pergunta Will.

Revirando o bolso, ela pega o inalador e o pressiona: *Ótimo.* Ela o pressiona outra vez, sente o jato de gás atingir o fundo da garganta, chegar à traqueia. Em poucos minutos, sua respiração volta ao normal.

Mas quando sua mente se acalma, eles estão lá, em seus pensamentos.

Seus irmãos. Isaac. Sam.

Imagens, repetindo-se.

Ela vê rostos de crianças, bochechas salpicadas de sardas. Os dois têm os mesmos olhos azuis arregalados, mas, enquanto os de Isaac são frios, enervantes de tão intensos, os de Sam vibram de energia, com um brilho que atrai as pessoas.

Elin pisca, incapaz de parar de pensar na última vez que viu aqueles olhos — vagos, sem vida, aquele brilho... apagado.

Ela se vira para a janela, mas não consegue apagar da mente as imagens do seu passado: Isaac sorrindo para ela; aquele sorriso malicioso familiar. Ele ergue as mãos, mas os cinco dedos esticados estão cobertos de sangue.

Elin estende a mão, mas não consegue alcançá-lo. Ela nunca consegue.

Um resort isolado no alto dos Alpes Suíços é o último lugar em que Elin Warner gostaria de estar. Mas ao receber o convite inesperado para comemorar o noivado do irmão, Isaac, a quem não vê há anos, ela sente que o melhor que pode fazer é aceitar.

Assim que chega, em meio a uma forte nevasca, Elin é imediatamente acometida por uma onda de tensão. Além do relacionamento estremecido com Isaac, algo no hotel a deixa nervosa. Antes um sanatório abandonado, o lugar tem um passado sinistro, que só alimenta o clima macabro que o permeia.

Quando eles acordam na manhã seguinte e descobrem que Laure, a noiva do irmão, desapareceu sem deixar vestígios, a inquietação de Elin aumenta. Em pouco tempo, a tempestade impede qualquer um de chegar ou sair do hotel, e quanto mais tempo Laure permanece desaparecida e situações estranhas acontecem, mais o pânico se instaura entre os hóspedes e os funcionários confinados no lugar.

Para piorar, ninguém notou ainda o desaparecimento de outra mulher. E ela é a única que poderia tê-los alertado sobre as ameaças à espreita. Agora, todos estão em perigo. E qualquer um pode ser a próxima vítima.

SAIBA MAIS:

[HTTPS://WWW.INTRINSECA.COM.BR/LIVRO/1128/](https://www.intrinseca.com.br/livro/1128/)